

****Exclusivo do Online****

NET PN teve o maior grau de risco em 2006

SÃO PAULO, 29 de dezembro de 2006 - As ações recordistas em grau de risco em 2006 são as preferenciais da NET, seguidas pelas preferenciais da Vivo, TAM Linhas Aéreas e as ordinárias da Perdigão.

Nova carteira é menos arriscada que a anterior

SÃO PAULO, 29 de dezembro de 2006 - Tendo por base a terceira prévia para a carteira do índice Ibovespa, a Cyrnel International, fez uma análise do grau de risco da nova carteira.

SÃO PAULO, 29 de dezembro de 2006 - As ações recordistas em grau de risco em 2006 são as preferenciais da NET, seguidas pelas preferenciais da Vivo, TAM Linhas Aéreas e as ordinárias da Perdigão. A avaliação foi feita pela Cyrnel Internacional, empresa de inteligência de risco presente no Brasil, México, Argentina e Costa Rica.

Partindo de uma metodologia própria, a empresa desenvolveu uma ferramenta, o RicoOnline.com (RO), que é capaz de avaliar o grau de risco de diversos ativos. No caso, o RO está avaliando o grau de risco das ações que compõem o Ibovespa, ou seja, compara o potencial de perda do ativo ou de uma carteira em relação a um referencial. Nesta análise, o referencial é o Ibovespa, que apresenta risco igual a 1. Qualquer leitura acima desse nível indica que o ativo tem um risco maior que o Ibovespa.

De acordo com a metodologia, as ações da NET apresentam grau de risco igual a 3,98, ou seja, esta ação apresenta, risco, ou variabilidade, 3,8 vezes maior que o Ibovespa. Os papéis PN da Vivo e da TAM registram grau de risco igual a 3,54 e 3,4, respectivamente, e a Perdigão tem risco 3,34.

"O que deve ficar claro é que nós não estamos falando para o investidor comprar ou deixar de comprar alguma ação, mas ter consciência se o grau de risco de uma determinada ação está compatível com o seu perfil de risco. Para um investidor com perfil agressivo, o grau de risco da NET pode ser tolerável, mas para um investidor conservador, acostumado em investir em títulos públicos, pode achar o pior dos mundos", afirma Carlos Frederico S. Werneck, analista financeiro da Cyrnel.

Na ponta oposta, as ações menos arriscadas em 2006 foram as preferenciais da Ambev (2,18), as preferenciais e ordinárias da Petrobras (2,32 e 2,37) e as preferenciais da Telesp (2,38).

A ferramenta também permite avaliar quais ações que mais contribuíram para o risco total da carteira. Em 2006, o papel de maior peso na composição do risco foram as PNB da Vale do Rio Doce e as PN da Petrobras, com contribuições de 14,2% e 13,5%, respectivamente. Ainda que essas sejam ações que historicamente apresentam baixo grau de risco e pertençam a setores considerados menos arriscados, o elevado peso de cada um desses ativos dentro da carteira teórica faz com que a contribuição de risco desses ativos seja tão elevada.

Também é possível avaliar a contribuição de cada setor no risco total da Bovespa. Os segmentos de petroquímica e mineração são os recordistas em 2006, juntos respondem por mais de 36% risco total do Ibovespa. O setor financeiro responde por 14% e o siderúrgico por 12%.

Além das medições de risco, o RO permite que o usuário faça simulações, medindo o impacto sobre o risco de sua carteira antes da inclusão de novos ativos. Também é possível montar cenários e testar o comportamento dos ativos.

(Eduardo Campos - InvestNews) **BOVESPA: Nova carteira é menos arriscada que a anterior**

SÃO PAULO, 29 de dezembro de 2006 - Tendo por base a terceira prévia para a carteira do índice Bovespa, que passa a vigorar dia dois de janeiro, a Cyrnel International, consultoria de inteligência de risco, fez uma análise do grau de risco da nova carteira e constatou que a nova composição do Ibovespa se mostrou ligeiramente menos arriscada em relação à vigente entre setembro e dezembro de 2006.

Carlos Frederico S. Werneck, analista financeiro da Cyrnel, explica que o grau de risco mede o potencial de perda de um ativo - ou de uma carteira como um todo - quando comparado a um benchmark padrão. Pelo padrão assumido no sistema da empresa, o benchmark é a carteira completa do Ibovespa, que recebe uma classificação de grau de risco igual a 1. Por isso, se uma ação apresenta grau de risco 2, significa que ela oferece o dobro do risco, ou variabilidade, da carteira do Ibovespa.

Para melhor ilustrar o que significa dizer que a carteira atual é menos arriscada que a anterior, a Cyrnel, considerou a carteira teórica do Ibovespa prevista para 2007 como uma carteira hipotética hoje, tendo o Ibovespa atual como o seu benchmark. O grau de risco da nova composição do Ibovespa foi de 0,9851, ligeiramente inferior, portanto, ao grau de risco do Ibovespa atual (vigente entre setembro e dezembro), que por definição é 1.

As novas ações que farão parte do Ibovespa a partir do dia dois de janeiro, são ordinárias da Cosan e do Submarino, e as preferenciais da Gol Linhas Aéreas. De acordo com a Cyrnel, todas as três companhias pertencem a segmentos considerados de baixo risco, contudo, essas ações quando analisadas individualmente apresentam elevados grau de risco: 3,84 para a Cosan, 3,35 para a Submarino e 3,06 para a Gol. Em outras palavras, essas três novas ações que irão compor o índice no início do próximo ano são, em média, três vezes mais arriscadas do que o Ibovespa.

Com relação às empresas de grande peso no índice, as novas quantidades teóricas vão refletir não só uma variação na Contribuição ao Risco das ações de cada companhia, mas uma mudança de perfil da composição do índice Bovespa, ou seja, o peso de cada ativo na composição do grau de risco do Ibovespa como um todo.

A Vale do Rio Doce PNA, companhia, que sozinha é responsável por mais de 14% do risco total índice, terá a sua Contribuição ao Risco reduzida para 11% em 2007. O mesmo acontecerá com a Telemar, cuja contribuição será reduzida de 4,6% em 2006 para 3,7% em 2007. Já a Petrobras PN, responsável por 13% do risco total da carteira, terá sua Contribuição ao Risco aumentada para 14,4% neste mesmo período.

Na avaliação por setor, ou seja, quanto cada setor contribui no risco da carteira, em 2006, os segmentos de Petróleo e Química contribuíram com 18,3% do risco total da carteira,

seguido pelos segmentos de Metal e Mineração (+17,9%), Finanças (+14,1%), Siderurgia (+12,7%), Energia (10,6%), Telecom Celular (+10,9%) e Alimentação e Fumo (+4,3%), Outros (11,7%).

Para 2007, a composição do Ibovespa diminuirá a sua exposição no segmento de Metal e Mineração, considerado arriscado, apresentando um Grau de Risco Médio Indústria de 2,75, ao passo que fortalecerá suas posições nos segmentos de Petróleo e Química e Energia, considerados menos arriscados, com Grau de Risco Médio Indústria de 2,25 e 2,01 respectivamente. Assim, de janeiro a abril de 2007, as contribuições ao risco serão: 20% , para Petróleo e Química, 13,6% em Metal e Mineração, 13,9% para Finanças, 13,2% na Siderurgia, 8,6% para Telecom, 4,2% em Alimentos e Fumo e 15,9% para Outros.

(Eduardo Campos - InvestNews)